

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUCAS GEORGE REZENDE MARTINS

A SUBLIMAÇÃO E SUAS VICISSITUDES

GOIÂNIA-GO

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): LUCAS GEORGE REZENDE MARTINS

Título do trabalho: A SUBLIMAÇÃO E SUAS VICISSITUDES

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Renata Leite Soares, Professor do Magistério Superior**, em 16/06/2021, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUCAS GEORGE REZENDE MARTINS, Discente**, em 16/06/2021, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site



[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2138732** e o código CRC **30B3FD28**.

---

LUCAS GEORGE REZENDE MARTINS

A SUBLIMAÇÃO E SUAS VICISSITUDES

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Goiás como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharelado em Psicologia, sob orientação da prof. (a): Renata Leite Soares

GOIÂNIA-GO

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Martins, Lucas George Rezende  
A sublimação e suas vicissitudes [manuscrito] / Lucas George  
Rezende Martins. - 2021.  
XXV, 46 f.

Orientador: Profa. Dra. Renata Leite Soares.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Psicologia, Cidade de  
Goiás, 2021.  
Bibliografia.

1. Sublimação. 2. Pulsão. 3. Arte. 4. Sintome. 5. Fantasia. I. Soares,  
Renata Leite, orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos onze dias do mês de junho do ano de 2021 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “A SUBLIMAÇÃO E SUAS VICISSITUDES”, de autoria de LUCAS GEORGE REZENDE MARTINS, do curso de Psicologia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela orientadora Profa. Dra. Renata Leite Soares da FE/UFG com a participação do membro da Banca Examinadora: Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio- UFT. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de dez (10,0), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Renata Leite Soares, Professor do Magistério Superior**, em 11/06/2021, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUCAS GEORGE REZENDE MARTINS, Discente**, em 11/06/2021, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eloy San Carlo Maximo Sampaio, Usuário Externo**, em 18/06/2021, às 13:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2074029** e o código CRC **7DBC1877**.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a meus pais, Roselene Silva Rezende Martins e Jorge Luiz Martins que, na medida do que lhes foi possível, me apoiaram e sustentaram durante toda a graduação e produção deste trabalho. Reconheço que ter a oportunidade de fazer uma formação em ensino superior, principalmente em uma família pobre, infelizmente ainda é um privilégio de poucos, e apesar de todas as dificuldades e conflitos, devo imensamente aos meus pais por me darem algum suporte durante esta fase difícil e caótica da graduação e da minha vida.

Agradeço também a meus amigos, Alice Mamede Rocha, Gabriel Elias Silva Carvalho, Kimberly Borselly Silva Alves, Lucas Soares Silva, Marcelo Garcia Lopes Filho, Matheus Ferreira da Silva e Vinícius Pires Benigno de Almeida que contribuíram de forma imensurável na minha formação, existência e resistência em uma graduação que apresentou incontáveis desafios no que diz respeito a minha permanência. Creio que sem a companhia destas pessoas, minha trajetória na universidade não teria fração dos prazeres e desprazeres que a tornaram tão importante na minha constituição como psicólogo e como indivíduo. A existência dessas pessoas na minha vida, por mais que aleatória, tem um significado indizível para mim, que apenas sublimações de outras formas seriam capazes de expressar, e sou muito grato a essa aleatoriedade por ter inserido na minha vida estas pessoas.

Ademais, agradeço a professora Renata Leite Soares por me auxiliar com enorme dedicação e cuidado na escrita deste trabalho em um período de tamanha dificuldade e complexidade que se fez presente na vida de todos nós. Sua dedicação e conhecimento foram de máxima importância para o meu processo de aprendizado e descoberta que se deu durante este trabalho. Agradeço também ao professor Eloy San Carlo Maximo Sampaio, cuja transferência despertou em mim a sede pelo saber psicanalítico. Creio que a maior qualidade que um professor possa ter é a de despertar no seu aprendiz essa sede pelo saber. Afirmo com tranquilidade e carinho que este foi o encontro, na minha trajetória na graduação, que mais me influenciou a seguir os misteriosos e problemáticos caminhos da psicanálise.

## **RESUMO**

Neste trabalho, se discute o conceito da sublimação a partir da pesquisa bibliográfica das principais obras de Freud onde o conceito aparece sendo vinculado a conceitos centrais da psicanálise como pulsão, fantasia, sintoma, arte entre outros. Para tal, busca-se compreender a forma como Freud apresenta e define o que é sublimação, sintoma, pulsão e fantasia. Se discute acerca da vida psíquica do indivíduo permeada pelo conflito entre a pulsão e a cultura. Resta ao sujeito a renúncia de suas pulsões e formas substitutivas de satisfazê-las. Dentre as diversas formas substitutivas, está a sublimação, processo através do qual a pulsão é transformada e direcionada a objetos socialmente valorizados, como o trabalho e a arte. É nesse âmbito que se insere a arte como emblema do processo sublimatório, onde, para lidar com a falta, o indivíduo cria para si um novo objeto no qual investe sua libido e encontra satisfação para o desejo, mesmo que de forma substitutiva. A descoberta fundamental deste trabalho é a de que a sublimação não exclui a possibilidade de o sujeito entrar em contato com o sofrimento. Dessa forma, não se pode pensar a sublimação como uma resposta definitiva ao sofrimento do sujeito, mas uma das respostas que lhe permite obter prazer através do alívio das tensões intrínsecas da relação entre o indivíduo e a cultura.

**Palavras-chave:** Sublimação; pulsão; arte, sintoma; fantasia.



## **ABSTRACT**

In this paper, the concept of sublimation is discussed as from the bibliographical research of the main works of Freud, where the concept appears being linked to central concepts of psychoanalysis such as drive, fantasy, symptom, art, among others. To this end, seeks to understand the way Freud presents and defines what is sublimation, symptom, drive and fantasy. The individual's psychic life permeated by the conflict between drive and culture is also discussed about. It remains for the subject the renunciation of his drives and substitutive ways to satisfy them. Among the various forms, there is sublimation, a process through which the drive is transformed and directed to socially valued objects, such as work and art. It is in this context that art is inserted as an emblem of the sublimatory process, where, to deal with the lack, the individual creates for himself a new object in which to invest his libido and find satisfaction for the desire, even if in a substitutive way. The fundamental discovery of this work is that sublimation does not exclude the possibility of the subject coming into contact with suffering. In this way, sublimation cannot be thought of as a definitive response to the subject's suffering, but one of the responses that allows him to obtain pleasure by relieving the intrinsic tensions of the relationship between the individual and culture.

**Keywords:** Sublimation; drive; art; symptom; fantasy.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	5
1. TRAJETÓRIA E APROXIMAÇÕES DA SUBLIMAÇÃO .....	6
2. POSSIBILIDADES, LIMITES E OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUBLIMAÇÃO.....	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS .....	39

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, se discute o conceito da sublimação a partir da pesquisa bibliográfica das principais obras de Freud onde o conceito aparece vinculado a conceitos centrais da psicanálise como pulsão, fantasia, sintoma, arte entre outros. A extensa pesquisa se dá pelo fato de que a sublimação nunca teve um trabalho exclusivamente dedicado a preencher suas lacunas enquanto conceito.

No primeiro capítulo, busca-se compreender a forma como Freud apresenta o que é sublimação a partir das vinculações do conceito com o sintoma, a pulsão e a fantasia. Dessa forma, é apresentado como problema central de pesquisa as diferentes articulações conceituais que aparecem, de forma direta ou indireta, necessárias ao tangenciamento do conceito de sublimação, e as derivações que emergem dessas articulações conceituais no âmbito do conceito de sublimação nos diferentes momentos da obra freudiana. Neste capítulo, debruça-se sobre a vida psíquica do sujeito constituída e permeada pelo conflito entre a pulsão e a cultura. Assim, nesta relação, resta ao sujeito a renúncia de suas pulsões e formas substitutivas de satisfazê-las. Dentre as diversas formas, está a sublimação, processo através do qual a pulsão é transformada e direcionada a objetos socialmente valorizados, como o trabalho e a arte.

Já no segundo capítulo, se busca compreender a forma como a arte se constitui como um emblema da transformação pulsional. A partir dos textos selecionados, almeja aprofundar a discussão sobre a relação entre a pulsão e a arte. Além disso, aprofunda também a discussão da relação entre a produção artística e a fantasia do sujeito. A discussão deste capítulo diz dos riscos e benefícios vinculados ao processo sublimatório apesar de sua importância para o sujeito diante do seu desamparo causado, em partes, pela renúncia pulsional e pelo complexo de castração. É nesse âmbito que se insere a arte como emblema do processo sublimatório, em que, para lidar com a falta, o indivíduo cria para si um novo objeto no qual investe sua libido e encontra satisfação para o desejo, mesmo que de forma substitutiva.

A descoberta fundamental e resultado deste trabalho é a de que a sublimação não exclui a possibilidade de o sujeito entrar em contato com o sofrimento, podendo até mesmo causar uma aproximação desse sofrimento, ou gera-lo indiretamente através da defusão pulsional que está relacionada ao mecanismo da sublimação. Dessa forma, não se pode pensar a sublimação como uma resposta definitiva ao sofrimento do sujeito, mas uma das respostas que lhe permite obter prazer através do alívio das tensões intrínsecas à relação entre o indivíduo e a cultura.

## 1. TRAJETÓRIA E APROXIMAÇÕES DA SUBLIMAÇÃO

Não existe, na obra de Freud, texto dedicado exclusivamente ao conceito da sublimação. Apesar disso, este conceito aparece constantemente no decorrer da construção do pensamento freudiano, de forma que é possível buscar compreender, nos diversos trabalhos em que é referido, a relação entre sublimação, criação, elaboração e sofrimento psíquico. Como aponta Mendes: “como conceito, a sublimação se insere em vários textos que abordam diferentes questões, e aparece de forma fragmentária e disseminada. Mas é possível fazer um rastreamento desses fragmentos e indicar as linhas de continuidade e ruptura ao longo da obra freudiana.” (Mendes, 2011, p. 56).

A vida psíquica do indivíduo é constituída e atravessada pelo conflito entre a pulsão e a cultura, entre os desejos e a realidade objetiva. Sendo constituído em sociedade e constituindo-se como sujeito na relação com o outro, resta ao sujeito a renúncia de suas pulsões. Entretanto, essa renúncia não lhe é gratuita, muito pelo contrário, implica altos custos a serem assumidos no que diz respeito às formas de satisfação substitutiva que se fazem disponíveis ao inconsciente. Dentre estas formas, está o sintoma, que se configura como formação de compromisso entre o Eu e a consciência moral, que gera considerável sofrimento ao sujeito moderno. Outra forma de satisfação substitutiva é a sublimação, processo através do qual a pulsão é transformada e direcionada a objetos socialmente valorizados, como o trabalho e a arte.

Neste capítulo, é realizada a investigação acerca da sublimação. Para tal, busca-se compreender a forma como Freud apresenta e define o que é sublimação, sintoma, pulsão e fantasia. É realizado o trabalho de aproximação e distanciamento entre estes conceitos, bem como a contextualização e explicitação da transformação de alguns deles ao longo da obra freudiana. Dessa forma, são apresentadas as questões que Freud tece como problema central de pesquisa em cada uma das obras elencadas e busca-se nessas obras a articulação com o tema da sublimação, podendo ele aparecer de forma direta ou indireta. Para tanto, serão utilizados os textos: *Rascunho L: A arquitetura da histeria* (1892-1899), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Cinco lições de psicanálise* (1910), *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915), *Resumo de Psicanálise* (1924) e *O mal-estar na civilização* (1930).

Uma das primeiras aparições do conceito de sublimação pode ser localizada na Carta 61 e no Rascunho L, intitulado *A Arquitetura da histeria*, ambas em *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess* (1892-1899 p. 186). Freud afirma que a fantasia, em casos histéricos, aparece

com a função de encobrir fatos vividos, as descrevendo como “estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles”. Dessa forma, dá-se a entender que uma das possíveis formas de sublimação vem da realidade internalizada, de vivências das quais o inconsciente tenta impedir que o sujeito se lembre precisamente. Assim, a sublimação, desde esse momento inicial da obra freudiana, é pensada como um mecanismo de defesa, que protege o sujeito daquilo que ocorreu e cuja lembrança pode gerar sofrimento.

Na carta seguinte, *O papel desempenhado pelas empregadas*, Freud faz alusão a algumas pacientes mulheres com “imensa carga de culpa, com autocensura (por furto, aborto etc.)” (p. 186) nas quais ocorre a identificação com pessoas de classes menos privilegiadas vistas como imorais ou depravadas, nesse caso, as empregadas. Assim, a ideia de sublimação aparecia nesse momento vinculada a representações inconscientes de pessoas que fazem parte da realidade das fantasias do sujeito. Aqui, a sublimação envolve além da ideia de defesa, uma espécie de transformação: desejos que são das próprias pacientes se transformam (são sublimados) em fantasias vinculadas a estas empregadas, de forma a ocultar seus desejos de si mesmas. A sublimação tem então, aqui, o sentido de transformação e de defesa, transformando em conteúdo de fantasia aquilo que foi lançado ao inconsciente, no caso os desejos, com a função de defender o sujeito daquilo cuja descoberta lhe traria sofrimento. (FREUD, 1892-1899).

Anos depois, em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), ao discutir sobre as perversões na sexualidade infantil em uma tentativa de compreender a natureza da pulsão sexual, Freud introduz as ideias de objeto e meta sexual, sendo o objeto sexual “a pessoa da qual vem a atração sexual” e a meta sexual “a ação à qual o instinto impele” (p. 21). Partindo dos desvios em relação ao objeto sexual, como no caso da homossexualidade que naquele contexto histórico era vista como uma perversão, ou os fetiches como coprofilia, zoofilia, podolatria etc., Freud passa a considerar a existência de outros objetos para os quais a pulsão pode ser direcionada para cumprir sua meta de satisfação além dos convencionais:

O conhecimento obtido em casos considerados anormais nos diz que neles há apenas, entre instinto sexual e objeto sexual, uma soldagem, que arriscamos não enxergar devido à uniformidade da configuração normal, em que o instinto parece já trazer consigo o objeto. Assim, somos levados a afrouxar a ligação entre instinto e objeto que há em nossos pensamentos. É provável que o instinto sexual<sup>1</sup> seja, de início, independente de seu objeto, e talvez não deva sequer sua origem aos atrativos deste (FREUD, 1905, pg. 38).

---

<sup>1</sup> Será utilizado o termo “pulsão” nas discussões, porém, será preservada a palavra “instinto” nas citações. A presença da palavra “instinto” nas citações se deve às traduções brasileiras feitas das traduções inglesas, que usavam *Instinct*. O uso de “pulsão” corresponde à escolha de Freud de utilizar *Trieb* para remeter à ideia de impulso e *Instinkt* para se referir a comportamentos animais. (ROUDINESCO, 1998)

A própria sublimação é vista por Freud como um dos “desvios” da pulsão já na infância quando “a ocultação do corpo, que cresce juntamente com a civilização, mantém desperta a curiosidade sexual, que busca completar para si o objeto sexual desvelando suas partes ocultas, mas que pode ser desviada (‘sublimada’) para o âmbito artístico” (p. 50). Dessa forma, tem-se uma das primeiras ligações da ideia de sublimação à arte e a criação, mesmo que Freud faça nesse momento a alusão à infância como modo de explicitar durante esse período o interesse da criança em desenhar os genitais, diante da impossibilidade de vê-los em realidade (FREUD, 1905).

Este trecho dos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) pode ser relacionado à ideia que está presente em *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess* (1892-1899) da fantasia como defesa. Se em determinado momento, a fantasia pode funcionar como uma forma de ocultar da consciência aquilo que causaria sofrimento, em outro ela tem a função inversa, ou seja, de revelar (ou tentar revelar na medida do que é possível ao psiquismo) aquilo que está oculto na realidade.

Assim, a partir da correlação entre estas duas ideias apresentadas, é possível pensar a sublimação como uma via de mão dupla da percepção da realidade, no que diz respeito a ocultar e revelar a realidade. Em ambos os casos, tem-se o caráter de defesa na sublimação, tanto defesa daquilo que é interno, os desejos ou lembranças inconscientes, quanto do que é externo, a insatisfação da pulsão no mundo real diante da impossibilidade de saber acerca dos genitais do sexo oposto.

O olhar de natureza sexual, que produz prazer e envolve o fazer artístico, é pensado como uma “meta sexual intermediária” (p. 50). Mais uma vez, a sublimação é aproximada à perversão (neste caso voyeurista) no que concerne ao desvio da libido. Nesse momento da obra freudiana, pode-se definir como perversão a exclusividade da satisfação sexual em um objeto diferente daquele considerado como o padrão (o sexo oposto). Assim, a perversão é também um desvio da libido para finalidades que não a reprodução sexual, como os fetiches, por exemplo, onde o prazer sexual vem do olhar e/ou exhibir-se, ou de agredir e/ou ser agredido. O que define um indivíduo como perverso ou não é exatamente a exclusividade de determinado ato perverso, e não a presença de um fetiche (FREUD, 1905).

Em uma nota de rodapé acrescentada em 1915, Freud irá trabalhar a ideia do “belo” como relacionada à excitação sexual. Tanto a sublimação quanto o voyeurismo (prazer sexual no ato de olhar) encontram na arte uma forma de desviar a libido do sujeito dos objetos sexuais

convencionais, seja ao criar algo de cunho artístico e exibi-lo ou ver a criação artística do outro está em jogo uma vinculação entre voyeurismo e exibicionismo através da via da sublimação (FREUD, 1905). Essa ambivalência de pulsões é o que define as pulsões parciais:

Um papel destacado entre os formadores de sintomas das psiconeuroses têm os instintos parciais, que geralmente aparecem como pares de opostos e de que tomamos conhecimento como portadores de novas metas sexuais: o instinto do prazer de olhar e da exibição e o instinto ativo e passivo da crueldade. (FREUD, 1905, pg.64).

Estas pulsões, pensadas como pares de opostos, estão relacionadas não só ao sintoma, mas também ao processo sublimatório. Em *Cinco Lições de Psicanálise (1910)*, Freud ressalta “os mais significativos representantes desse grupo [...] o prazer em olhar ou em ser olhado, sendo que do primeiro deriva posteriormente a ânsia de saber, e desse último, o impulso para a exibição artística e teatral” (FREUD, 1910, p. 204). Assim, é possível compreender que, assim como o sintoma, o ato de sublimar está vinculado e dependente de fatores inconscientes estabelecidos no desenvolvimento sexual infantil, de forma que a sublimação de caráter artístico está relacionada, mas não se restringe, ao prazer em ser visto.

Posteriormente, essa concepção de dualidade oposta da pulsão é repensada por Freud, quando, em *Resumo de Psicanálise (1924)*, ao realizar conferências introdutórias de sua teoria psicanalítica, afirma: “Havia-se descoberto, por exemplo, que nas camadas profundas da atividade mental inconsciente os opostos não são diferenciados um do outro, mas sim expressos pelo mesmo elemento” (p. 220). Freud usa a linguagem para ilustrar essa dinâmica de complementariedade entre opostos. Como exemplo, a palavra da língua alemã “Boden”, que significa tanto “sótão” quanto “chão”. Além disso, Freud menciona a língua egípcia antiga onde a ideia de “forte” e “fraco” eram designadas pela mesma palavra (FREUD, 1924, p. 220). Assim, as pulsões parciais passam a ser pensadas como os dois lados de uma mesma moeda, que apesar de terem direções e significados diferentes, fazem parte de um só, e, portanto, compõem uma dinâmica onde são tanto complementares quanto opostas.

Essa capacidade da pulsão de se desviar, deslocar, e se modificar, como forma de dar vazão a essas moções ambivalentes, caracterizam o funcionamento inconsciente do sujeito. Portanto, está presente também nas defesas, a ambivalência entre ocultamento e revelação, exibicionismo e voyeurismo, sadismo e masoquismo etc. A ambivalência da pulsão é conseqüentemente transportada para as defesas do inconsciente, tanto na fantasia quanto na sublimação. Em decorrência da característica da ambivalência das pulsões, faz-se presente a capacidade de modificação, de tomar diversos formatos para obter satisfação. Assim, o sintoma, é uma formação do inconsciente que possui semelhança com a sublimação:

Dessa maneira se verificou que os sintomas representam um substituto para impulsos que extraem sua força da fonte do instinto sexual. O caráter histérico denota um quê de repressão sexual que vai além da medida normal, uma intensificação das resistências ao instinto sexual que conhecemos como vergonha, nojo e moral, uma fuga como que instintiva [*instinktiv*] ante a consideração intelectual do problema sexual (FREUD, 1905, pg. 61-62).

Assim, é possível afirmar que tanto o sintoma quanto a sublimação representam possibilidades de satisfação da libido frente à impossibilidade de satisfação completa de pulsões sexuais na realidade. Impossibilidade esta que é internalizada durante a infância, também pela mediação da educação e perdura por toda a vida do indivíduo. Essa repressão sexual causa, no psiquismo, o recalque, um mecanismo de defesa inconsciente que consiste no afastamento e ocultamento da consciência de quaisquer conteúdos da sexualidade infantil que não seriam bem vindos na cultura, a dizer, a sexualidade perverso polimorfa, a possibilidade de obter satisfação de qualquer objeto e sem interdição da moral (FREUD, 1905).

O sintoma é acima de tudo uma forma de dar vazão à pulsão, tanto revela quanto oculta os desejos, sendo uma formação de compromisso com a consciência moral. Ocultar um desejo implica afirmar a existência desse desejo, mas se o inconsciente realizou o trabalho de recalcar, isto é, lançar ao inconsciente, os conteúdos, inadequados à civilização, da sexualidade infantil, o mecanismo da repressão será o responsável por manter no inconsciente o que lhe foi lançado. Desta forma, a pulsão recalcada, mesmo que existente e produtora de efeitos, permanece inconsciente.

Como podemos ver, é impossível pensar a sublimação sem considerar o conceito de pulsão e sem esbarrar nas suas proximidades com o sintoma. Um dos componentes da pulsão que podemos utilizar para pensar o aparecimento do sintoma, e conseqüentemente, o sofrimento psíquico no sujeito é a pressão: “Entre a pressão do instinto e o antagonismo da rejeição da sexualidade produz-se o expediente da enfermidade, que não resolve o conflito, e sim procura escapar dele mediante a transformação dos impulsos libidinais em sintomas” (FREUD, 1905, pg. 65) A pressão é o que se pode pensar como a quantidade referente à libido:

Por conseguinte, formamos a concepção de um quantum de libido, cuja representação psíquica chamamos libido do Eu, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento deve nos oferecer possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados (FREUD, 1905, pg.135).

Neste momento de sua obra, ao tratar das vias de satisfação da pulsão, Freud parece atribuir ao processo da sublimação uma importância para a manutenção e saúde da vida psíquica.

Contudo, as mesmas vias pelas quais os distúrbios sexuais transbordam para as demais funções do corpo serviriam para outra realização importante na saúde normal. Por elas



as forças instintuais sexuais se veriam conduzidas a metas outras que não as sexuais, ou seja, ocorreria a sublimação da sexualidade (FREUD, 1905, pg.119-120).

Assim, percebe-se que a pressão da pulsão é uma de suas características que se relaciona ao sofrimento do sujeito, na medida que quanto maior a pressão, maior a necessidade de satisfação, sendo tanto a sublimação quanto o sintoma respostas do inconsciente frente a esse impasse.

Diferente do conceito da sublimação, sobre o conceito da pulsão é possível encontrar na obra freudiana uma definição mais precisa. Freud dá à pulsão o significado de demarcação entre o psíquico e o físico, uma exigência de trabalho que é feita ao psiquismo tendo como fonte um órgão do corpo humano, como os genitais, o ânus, a boca etc. A meta da pulsão é pensada como a imediata satisfação do estímulo no órgão. As fontes e metas das pulsões é o que permite diferenciá-las umas das outras, sendo também o que as atribui características específicas (FREUD, 1905).

O conceito de libido é essencial para compreender a pulsão, no sentido dos caminhos que ela toma para obter satisfação, e conseqüentemente compreender a sublimação como um destes caminhos. A libido pode ser pensada como o equivalente à força da pulsão, uma corrente que passa pelo leito da pulsão como nos apresenta Freud: “Mas tudo o que a observação psicanalítica obteve até agora é abandonado, quando, seguindo o procedimento de C. G. Jung, fazemos o próprio conceito de libido se volatilizar, identificando-o com o da força instintual\* psíquica simplesmente” (FREUD, 1905, p. 137).

Essa corrente, ao entrar em conflito com o leito principal (que seria a satisfação) obstruído, passa a correr por caminhos alternativos. Essas obstruções para satisfação da pulsão seriam as inibições sexuais, restrições à plena satisfação da sexualidade, o nojo, o pudor, e também as construções sociais de moralidade e autoridade (FREUD, 1905). Assim, tanto o sintoma quanto a sublimação se apresentam como possibilidades de satisfação da pulsão a partir do deslocamento da libido frente aos impedimentos impostos à sexualidade pela realidade, mas se distinguem no que diz respeito à categoria da satisfação.

Enquanto o sintoma, como formação de compromisso entre o Eu e a consciência moral se configura como uma produção do inconsciente para obter satisfação, a sublimação, embora envolva sempre o inconsciente, se trata de uma produção consciente do indivíduo na busca por satisfação. Para mais, o sintoma se configura como satisfação substitutiva a partir do investimento libidinal de caráter sexual, enquanto na sublimação o investimento não tem caráter sexual, pois a libido é investida no Eu e modificada, transformada, ocorrendo um processo de

dessexualização da libido (GUIMARÃES, 2010). Assim, o sintoma implica o deslocamento pulsional, enquanto a sublimação significa uma transformação pulsional.

É a partir do movimento da libido, que ao ser investida no Eu, torna-se libido do Eu, ou libido narcísica, é que a sublimação se possibilita. A libido nunca tem como permanentes seus investimentos, de forma que em determinado momento é investida em objetos sexuais (libido objetual), e em outros momentos é investida no Eu (libido narcísica), como mostra Freud no trecho: “Quanto aos destinos\* da libido objetual, podemos também verificar que ela é retirada dos objetos, mantida suspensa em estados especiais de tensão e finalmente reconduzida ao Eu, de modo a se tornar novamente libido do Eu” (FREUD, 1905, p. 136).

É importante notar que a libido tem uma característica de maleabilidade, tendo sempre como meta a sua satisfação, de forma que vários objetos podem ser investidos para que se atinja tal satisfação. Assim, a libido nunca é permanentemente fixada, mas está sempre em movimento. Essa ideia de deslocamento facilita a compreensão da analogia que Freud faz da pulsão como corrente, pois a libido pode ser pensada como algo líquido, deslocável e adaptável com um permanente deslocamento em direção à satisfação.

Assim, Freud irá trazer a ideia da sublimação como um processo que funciona “à custa dos impulsos sexuais infantis, que não cessaram nesse período de latência, mas cuja energia - integralmente ou na maior parte - é desviada do emprego sexual e dirigida para outros fins” (p. 80). E dessa forma, é nomeado de sublimação o processo pelo qual as pulsões sexuais são deslocadas de objetos sexuais para objetos não-sexuais. Freud cita como um destes objetos não-sexuais todas as realizações culturais (FREUD, 1905). Poderia se pensar como realizações culturais advindas da sublimação a própria civilização e a organização do trabalho.

Por outro lado, embora a sublimação esteja envolvida no trabalho e no funcionamento do sujeito na cultura, nem todo trabalho e criação cultural se configura como sublimação, assim como nem toda adequação à cultura resulta da transformação pulsional propriamente dita. Em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915), Freud discorre sobre a sua percepção de um movimento desencadeado pela Primeira Guerra Mundial: a desilusão causada pela guerra e a mudança de atitude perante a morte. Este trabalho nos permite pensar melhor a questão das moções pulsionais e de suas diferentes formas de adequação à cultura. Ao discorrer sobre a renúncia pulsional e o papel da educação frente às transformações ou não das moções pulsionais, Freud (1915) afirma:

Então podem manifestar o efeito de que o indivíduo sujeito à sua influência decida-se pela boa conduta no sentido cultural, sem que nele tenha ocorrido um enobrecimento instintual, uma transformação de pendores egoístas em sociais. O resultado será, grosso modo, o mesmo; apenas em circunstâncias especiais se notará que uma pessoa

sempre age bem porque suas inclinações instintuais a obrigam a fazê-lo, e uma outra é boa apenas enquanto e na medida em que esse comportamento cultural traz vantagens para suas intenções egoístas. Mas num conhecimento superficial do indivíduo não teremos como distinguir entre os dois casos (FREUD, 1915, p.166)

Assim, se o sujeito se comporta de forma aceitável à cultura, isso não necessariamente envolve uma transformação pulsional, embora possa ocorrer deslocamentos substitutivos das formas de satisfação das moções pulsionais. A cultura se sustenta no deslocamento das pulsões egoístas e primitivas. Dessa forma, é possível que em alguns casos, não ocorra a transformação pulsional como resultado da imposição da moral, mas a repressão e o deslocamento da pulsão, que irá gerar o sintoma ao invés da sublimação (FREUD, 1915).

De toda forma, a satisfação da libido, por se dar em objetos não-sexuais (como a arte e o trabalho), ainda é considerada uma satisfação substitutiva, por desviar a libido de sua finalidade considerada “padrão”, que é a satisfação sexual, ou o ato sexual com indivíduo do sexo oposto com a finalidade de reprodução. Porém, como é possível perceber no desenvolver da obra de Freud, a libido é cada vez menos vista como “soldada” à finalidade sexual, e cada vez mais compreendida como líquida, deslocável e adaptável ao que é imposto pela realidade, realizando sempre a manutenção da busca pela satisfação (FREUD, 1915).

De acordo com Freud, o processo de sublimação tem seu início no desenvolvimento sexual, mais precisamente datado no período de latência. Período este caracterizado como o momento em que a criança, diante de ausência das funções reprodutivas, possui pulsões sexuais “inutilizáveis”, pois não encontra nem na realidade e nem no próprio corpo qualquer satisfação. Dessa forma, estes impulsos “seriam perversos em si, partindo de zonas erógenas e sendo carregados por instintos que, dada a orientação do desenvolvimento individual, só poderiam provocar sensações desprazerosas” (FREUD, 1905, p.81).

Dessa forma, temos mais uma vez a aparição da sublimação na teoria freudiana como um mecanismo de defesa, como visto anteriormente em *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess* (1892-1899), ocultando da consciência do sujeito, desde sua infância, quaisquer pulsões que não encontram aceitação na cultura e nem satisfação no próprio corpo, restando, portanto, apenas o desprazer da insatisfação sexual.

Ao fazer um resumo dos Três Ensaio da Teoria da Sexualidade, Freud retorna às pulsões originadas da sexualidade infantil para explicar a origem do processo de sublimação:

O terceiro desenlace, numa predisposição constitucional anormal, é possibilitado pelo processo da "sublimação", em que se permite a excitações muito fortes, oriundas de diferentes fontes da sexualidade, terem saída e utilização em outros âmbitos [...]. Aqui se acha uma das fontes da atividade artística, e, conforme tal sublimação for completa ou incompleta, a análise de caráter de pessoas muito dotadas, em especial as de aptidão

artística, mostrará uma variada mescla de capacidade de realização, perversão e neurose. (FREUD, 1905, p.165)

Assim, podemos compreender a partir deste trecho que a sublimação não só se origina da sexualidade infantil, mas também se sustenta no decorrer da vida psíquica das fixações realizadas durante a sexualidade infantil. Tais fixações são também responsáveis pela possibilidade de a sublimação ocorrer na vida adulta, de forma que o que Freud chama de “caráter” remete exatamente à essas fixações, que poderão ou não fazer com que o indivíduo busque satisfação pelas vias artísticas ou demais destinos da sublimação (FREUD, 1905).

Para mais, a sublimação por vezes é incompleta, ou seja, não satisfaz completamente a pulsão, deixando resquícios que serão deslocados pela via do sintoma, de forma que sempre restará no artista a neurose proveniente da pulsão sublimada. Além disso, é perceptível a importância das perversões da vida sexual infantil para o processo sublimatório, podendo ter elas utilidade na vida adulta como fonte de virtudes artísticas (FREUD, 1905).

Freud, em *Cinco lições de psicanálise* (1910), publicação de cinco conferências introdutórias realizada em visita aos EUA com a finalidade de sintetizar a teoria psicanalítica, trouxe ideias importantes acerca das predisposições psíquicas consolidadas na infância, que auxiliam pensar como a sublimação se coloca na vida psíquica:

Não apenas o Eu do paciente se recusa a abandonar as repressões mediante as quais se destacou de suas disposições originais, como também os instintos sexuais não querem renunciar à sua satisfação substitutiva, enquanto for incerto que a realidade lhes venha a oferecer algo melhor (FREUD, 1910, p. 209).

Aqui, dá-se a entender que o sintoma persiste enquanto não houver, na realidade, alternativa melhor para a satisfação da pulsão. Dessa forma, é possível pensar a sublimação como uma dessas alternativas, ao considerá-la como uma outra forma de satisfazer a pulsão que poderia vir a substituir o sintoma. Uma satisfação que é substitutiva não apenas no sentido de substituir o objeto sexual por outro que não-sexual, como a arte, por exemplo, mas substituir o sintoma, que em si, é uma satisfação substitutiva, embora não envolva uma transformação pulsional, mas a desloca para objetos sexuais, tomando outro sujeito, ou o próprio corpo como alvos da pulsão.

Mais uma vez, Freud revela as consequências da repressão realizada pela cultura:

Hão de notar que nós, homens, com as elevadas exigências de nossa cultura e sob o peso de nossas repressões internas, vemos a realidade como totalmente insatisfatória e por isso entretemos uma vida de fantasias, em que, produzindo realizações de desejos, adoramos compensar as deficiências da vida real (FREUD, 1910, p. 210).

É impossível medir todas as consequências psíquicas geradas pelas renúncias feitas pelo indivíduo diariamente em prol do funcionamento da civilização, mas a pesquisa freudiana se esforçou em identificar e explicar os resultados das resignações humanas em seu psiquismo. Um destes resultados é o que denominamos de fantasia, um mecanismo pelo qual o indivíduo satisfaz desejos, conscientes ou inconscientes, por meio da elaboração de acontecimentos fantasiosos e irrealis. É criada uma realidade psíquica para compensar a realidade externa e a falta que ela produz no humano (FREUD, 1910).

Como aponta Freud, “nessas fantasias há muito da natureza propriamente constitutiva da personalidade, e também daqueles seus impulsos reprimidos em prol da realidade” (FREUD, 1910 p. 210). Por se tratar de uma realidade psíquica, e logo, interna, estas fantasias carregam consigo um forte teor intrínseco, característico de quem as fantasia. Ou seja, a fantasia de um indivíduo diz muito mais de si mesmo, do que da realidade em si. Não apenas no que diz respeito aos seus desejos, mas de suas repressões desde a infância. Assim, a fantasia seria uma espécie de cena, uma performance que ocorre no consciente, dirigida pelo inconsciente, a fim de satisfazer seus desejos reprimidos.

Freud afirma que “o indivíduo enérgico e bem-sucedido é aquele que, mediante o trabalho, consegue transformar em realidade suas fantasias que encerram desejos” (p. 210). Por outro lado, quando o indivíduo não é bem-sucedido em realizar suas fantasias na realidade, seja pela força maior da realidade, ou por sua própria incapacidade, inicia-se uma tendência de afastamento da realidade, isto é, uma inclinação a viver em um “mundo de fantasias mais satisfatório, cujo conteúdo transforma em sintomas, no caso de enfermidade” (FREUD, 1910 p. 210).

Dessa forma, se por um lado a fantasia pode ser de grande serventia para a satisfação pulsional do sujeito, por outro, pode ser fonte de conteúdo para a elaboração inconsciente de sintomas. Assim, a fantasia é auxiliadora para a obtenção de satisfação, porém, insuficiente para que sozinha possa dar conta da insatisfação do indivíduo com a realidade sem que haja, por parte deste, trabalho para realizar seus desejos na realidade. Caso contrário, a fantasia funciona como uma das influências para o seu adoecimento. (FREUD, 1910).

O conteúdo de uma fantasia, que diz dos desejos mais íntimos e inconscientes do sujeito, os quais deveria protegê-lo, acaba dando forma aos sintomas, que irão satisfazer estes desejos, porém gerando sofrimento ao indivíduo (FREUD, 1910). Uma fantasia de desejo voyeurista, por exemplo, se não sublimada e transformada em obra, pode tomar a forma de um sintoma de ciúme doentio, onde o indivíduo imagina (fantasia) o parceiro sexual se relacionando com

outras pessoas. A diferenciação da função da fantasia, no nível da pulsão, diz da transformação ou do deslocamento pulsional. Se a libido da pulsão foi transformada em libido narcísica, haverá a sublimação, se a libido continua sendo objetal, ela é investida no objeto sexual gerando o sintoma (GUIMARÃES, 2010).

Porém, considerando que o desejo é de satisfação e não literalmente de realização, há diversas formas de se satisfazer estes desejos que compõem as fantasias, sendo uma dessas formas a sublimação:

Quando a pessoa desavinda com a realidade possui o dom artístico — que para nós é ainda um enigma psicológico —, pode converter suas fantasias em obras de arte, em vez de sintomas, assim escapando ao destino da neurose e reconquistando, por essa via indireta, o vínculo com a realidade (FREUD, 1910, p.210).

Destaca-se neste trecho a ideia da reconquista do vínculo com a realidade, que seria, para um indivíduo que estaria vivendo neste “mundo de fantasias”, uma saída possível para se restabelecer com a realidade, possivelmente escapando da solução do inconsciente que seria o sintoma, direcionando-se a uma solução alternativa, a dizer, a sublimação (FREUD, 1910). Essa solução alternativa através da obra de arte pode se dar de ilimitadas formas, considerando a multiplicidade de formas de arte que existem hoje no mundo. Uma produção audiovisual, uma poesia, uma música, uma fotografia ou até mesmo um jogo poderiam, a partir do que se compreende deste conceito, ser considerados formas de sublimação, soluções do sujeito para obter satisfação frente ao conflito e insatisfação com a realidade.

Por outro lado, pode ser realizado o questionamento acerca do que faz uma obra artística ser ou não sublimação. Em uma cultura capitalista onde, cada vez mais, tudo o que existe passa a ser produzido, pensado, criado e consumido como mercadoria, é necessário questionar o valor expressivo da criação de cada obra artística, levando em conta fatores como a forma de produção, se o uso de técnicas pertinentes à mídia a qual a obra pertence fornece caminhos para a expressão dos desejos inconscientes de quem a produz ou se essas técnicas ditam o rumo desta criação artística. Porém, é impossível afirmar, apenas através da análise de uma obra, se ela caracteriza ou não sublimação para quem a produz.

Ainda sobre a possibilidade de o sujeito sublimar, Freud afirma que:

Se existir revolta contra o mundo real e esse valioso dom for ausente ou insuficiente, será praticamente inevitável que a libido, obedecendo à origem das fantasias, tome a via da repressão e chegue à revivescência dos desejos infantis e, dessa maneira, à neurose (FREUD, 1910, p.210)

Assim, entra também em questão o que Freud define como “dom”, se o pensa como algo aprendido no decorrer da vida ou como uma capacidade inata definida por fixação em

determinada fase da sexualidade infantil. De um modo ou de outro, o que está em jogo não é a diferenciação entre aquele que consegue e que não consegue sublimar, visto que não é possível ao trabalho analítico realizar essa distinção. Além disso, a sublimação deve ser pensada, mais como um movimento do que como uma conquista permanente e definitiva que o sujeito alcança, de modo que é variável, no decorrer da vida psíquica, a capacidade de sublimação. (FREUD, 1910).

O que se pode afirmar acerca da busca pela saúde, ou evitação do sofrimento, é que ocorre um jogo de forças: “Se essa luta leva à saúde, à neurose ou a realizações compensativas é algo que depende de considerações de quantidade, das proporções entre as forças em choque” (FREUD, 1910, p. 211). No que concerne estas forças em choque, pode-se pensa-las como a pulsão, de constante pressão, sempre demandando satisfação, e a cultura, que limita a satisfação livre da pulsão, reprimindo-a por meio da lei e da moral.

Como dito anteriormente, em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915), nem sempre a repressão das pulsões pela cultura resulta na transformação pulsional, mas no deslocamento da pulsão. Desse modo, o sujeito é levado a reproduzir estes comportamentos estabelecidos como morais: “No interior de cada uma dessas nações haviam se estabelecido elevadas normas morais para o indivíduo, segundo as quais ele devia conformar sua vida, se quisesse fazer parte da comunidade civilizada” (p.158). De forma que, diante da imposição da civilização, muitas destas pulsões acabam não encontrando satisfação na realidade, mas no sintoma, tendo em vista que não ocorre a transformação pulsional. No fim das contas, esta forma de vida em sociedade, nos moldes em que a sociedade se produz e se sustenta na sociedade moderna, que implica apenas o deslocamento pulsional, tornando-se predominantemente fonte para o surgimento do sintoma.

Os desejos que na infância foram reprimidos, e geraram sintomas, por meio do processo analítico podem ser descobertos e dominados frente ao psiquismo do indivíduo adulto, como observa Freud: “Naquele tempo o indivíduo efetuou apenas uma repressão do instinto inutilizável, pois ele próprio ainda estava fraco e insuficientemente organizado; em sua atual força e maturidade, talvez possa dominar impecavelmente aquilo que lhe é hostil” (FREUD, 1910, p. 214). Essa dominação, na verdade, se daria através do mecanismo da repressão, que funcionaria como uma forma de defesa contra impulsos perversos que causariam sofrimento no sujeito devido sua inadequação à cultura.

Porém, a pulsão recalcada nunca é extinta, muito pelo contrário, irá preservar sua força e permanecerá produzindo efeitos. A pulsão por trás de tais desejos pode encontrar um destino

mais favorável, se direcionando para objetos que podem até mesmo não ser de categoria sexual, objetos vistos por Freud como superiores e de maior valor social, como visto no seguinte trecho: “Pois precisamente os componentes do instinto sexual se distinguem por essa capacidade especial de sublimação, de substituição da sua meta sexual por uma mais distante e socialmente mais valiosa” (FREUD, 1910).

Este valor social por ser compreendido como um valor que é atribuído não pelo próprio sujeito, mas pela civilização que tende a valorizar determinadas formas de trabalho. Assim, esta distinção entre quais trabalhos realizados a partir do deslocamento da pulsão são ou não valiosos, é ditada pela cultura, como nos mostra Freud:

Pela intromissão dos componentes eróticos os instintos egoístas são transformados em sociais. Aprende-se a estimar, como uma vantagem, ser amado, vantagem pela qual se pode renunciar a outras. O fator externo é a coação exercida pela educação, que representa as demandas do ambiente civilizado, e que depois prossegue no influxo direto do meio cultural. A civilização foi adquirida pela renúncia à satisfação instintual (FREUD, 1915, p.164).

Entretanto, Freud problematiza também em outros momentos de sua obra os deslocamentos da libido realizados pela sublimação. Freud chega a dedicar as maiores conquistas da civilização a esses deslocamentos: “É provável que as maiores conquistas da civilização se devam aos aportes de energia para nossas realizações psíquicas que foram obtidos dessa forma” (p. 214). Se na infância do indivíduo sua repressão excluía a possibilidade de sublimação, quando dissolvida tal repressão, libera-se o caminho para que a pulsão possa se destinar para outros objetos por meio da sublimação (FREUD, 1910).

Essa plasticidade da pulsão, no entanto, possui limites, visto que a exploração excessiva de nossa capacidade de sublimar traz consigo riscos ao desviar a pulsão de sua finalidade sexual, tendo em vista que a pulsão se caracteriza como força motora de nossa vida:

A plasticidade dos componentes sexuais, manifesta na capacidade de sublimarem-se, pode ser uma grande tentação a conquistarmos maiores frutos para a sociedade por intermédio da sublimação contínua e cada vez mais intensa. Mas assim como não contamos transformar em trabalho senão parte do calor empregado em nossas máquinas, de igual modo não devemos esforçar-nos em desviar a totalidade da energia do instinto sexual da sua finalidade própria. Nem o conseguiríamos. E se o cerceamento da sexualidade for exagerado, trará consigo todos os danos duma exploração abusiva (FREUD, 1910, p.36).

Freud chega a ilustrar tal afirmação apresentando a anedota de um cavalo que é alimentado cada vez menos por seus donos com o intuito de economizar sua ração, visto que seu consumo era excessivo e a ração tinha um alto custo. A ração que lhe era dada foi



gradualmente reduzida a um grão por dia. No dia seguinte, quando finalmente começaria a trabalhar sem nenhum alimento, o cavalo amanheceu morto (FREUD, 1910).

Dessa forma, Freud nos mostra que sem a devida fonte energética, não se pode esperar o trabalho de nenhum ser vivo, quem dirá do ser humano. Assim, por mais que sejamos levados a pensar que a sublimação poderia servir como a solução definitiva para o eterno conflito entre pulsão e cultura, a vida humana é impossível sem a devida cota de libido sendo direcionada ao seu objeto original, a saber, o objeto sexual. Os “danos duma exploração abusiva” seriam, neste caso, a morte, ou a falta de desejo de viver.

De qualquer forma, a transformação completa da pulsão em trabalho socialmente valorizado sequer seria possível ao homem, pois segundo Freud:

Uma parte deles exibe a valiosa característica de se deixar desviar dos objetivos imediatos, e assim põe sua energia, como tendências “sublimadas”, à disposição do desenvolvimento cultural. Mas outra parte permanece no inconsciente como desejos insatisfeitos e urge por uma satisfação qualquer, mesmo que deformada (FREUD, 1924, p. 222)

Assim, mesmo que se faça um esforço extraordinário para transformar em trabalho todos os desejos inconscientes, parte da libido sempre permanecerá inconsciente e buscará a satisfação substitutiva por meio do sintoma, por exemplo. A partir disso, é possível afirmar que a sublimação nunca configurou resposta definitiva ao sofrimento psíquico proveniente do conflito entre a pulsão e a cultura, mas sim uma das possibilidades de satisfação parcial da pulsão (FREUD, 1924). Por outro lado, se a sublimação não resolve definitivamente o conflito do indivíduo na cultura, ela pode ainda ser pensada como uma possibilidade de afastamento do sofrimento:

Outra técnica de afastar o sofrimento recorre aos deslocamentos da libido que nosso aparelho psíquico permite, através dos quais sua função ganha muito em flexibilidade. A tarefa consiste em deslocar de tal forma as metas dos instintos, que eles não podem ser atingidos pela frustração a partir do mundo externo. A sublimação dos instintos empresta aqui sua ajuda (FREUD, 1930, p.24).

Assim, cai por terra a ideia de que a sublimação seria a chave para alcançar a saúde, visto que ela é limitada no sentido de possibilidade enquanto mecanismo, ou seja, nem todo sujeito tem as capacidades técnicas e predisposições psíquicas suficientes que possibilitem que ele sublime. E mesmo a essa minoria à qual a sublimação aparece enquanto possibilidade, ela não fornece defesa definitiva do sofrimento, como nos mostra Freud no seguinte trecho:

A fraqueza desse método, porém, está em não ser de aplicação geral, no fato de poucos lhe terem acesso. Ele pressupõe talentos e disposições especiais, que não se acham presentes em medida eficaz. Também a esses poucos ele não pode assegurar completa proteção do sofrimento, não lhes proporciona um escudo impenetrável aos dardos do destino e costuma falhar, quando o próprio corpo é a fonte do sofrer (FREUD, 1930, p. 24).

Além disso, apenas uma porção indeterminada das pulsões sexuais, que, diga-se de passagem, são as mais afetadas pela repressão cultural, é satisfeita pelo processo de sublimação, de forma que sempre restará, no inconsciente, uma parcela de libido a demandar satisfação (FREUD, 1924). Sem essa repressão cultural, inclusive, certamente não haveria sequer vestígios de qualquer civilização humana, como sugere Freud:

O principal motor da evolução cultural do ser humano foi a privação externa real, que lhe negou a cômoda satisfação de suas naturais necessidades e o expôs a perigos imensos. Essa frustração externa o obrigou à luta com a realidade, luta que resultou em parte na adaptação a ela, em parte no domínio dela, mas também levou ao trabalho em comum e à convivência com os semelhantes, o que já implicava uma renúncia a vários impulsos instintuais que não podiam ser satisfeitos socialmente (FREUD, 1924, p.221-222).

Essa adaptação aqui citada é mais um indício da característica de plasticidade da pulsão, que, frente ao impedimento da realidade, se transforma naquilo que a cultura aprecia e estimula. É priorizada sempre a satisfação da pulsão, tendo o objeto importância inferior frente a meta da pulsão. Posta a necessidade de sobrevivência, a pulsão se satisfaz naquilo que for necessário, seja na fantasia, no sonho, no sintoma, ou na sublimação, já que “a civilização se baseia na renúncia instintual” (FREUD, 1924, p. 222).

Entretanto, a sublimação, apesar de ser uma das consequências da renúncia pulsional, não pode ser pensada como uma imposição da cultura, apesar da civilização demandar o trabalho:

A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada. Cedendo à primeira impressão, seríamos tentados a dizer que a sublimação é o destino imposto ao instinto pela civilização. É melhor refletirmos mais sobre isso, porém (FREUD, 1930, p. 39-40).

Uma das formas que se pode compreender essa ideia, que não é desenvolvida por Freud neste texto, de que a sublimação não é uma imposição, poderia ser vislumbrada no fato de que nem toda obra artística pode ser considerada uma sublimação. Pode ocorrer, em uma criação artística, ou no trabalho, o deslocamento pulsional, isto é, a mudança de objeto, de direcionamento (de uma satisfação direta para uma satisfação inibida em sua finalidade), sem que haja necessariamente a transformação da pulsão que é de caráter sexual. A sublimação pressupõe a transformação pulsional, isto é, a transformação da libido objetal em libido do eu (FREUD, 1930).

Além disso, no caso do trabalho que é desempenhado para o sustento e sobrevivência, muitas vezes não se obtém qualquer prazer, tendo em vista que não há necessariamente uma escolha deste trabalho, e sim uma escolha de fazer o possível para sobreviver. Por outro lado, se presentes as condições materiais na cultura que possibilitassem o trabalho enquanto

satisfação e reconhecimento, inclusive daquilo que o trabalho nessas condições não realiza enquanto demandas subjetivas dos sujeitos talvez fosse possível que o trabalho significasse uma fonte de prazer, podendo ser considerado como sublimação, dando satisfação às suas pulsões inconscientes:

A atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permite tornar úteis, através da sublimação, pendoros existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados. E, no entanto, o trabalho não é muito apreciado como via para a felicidade. As pessoas não se lançam a ele como a outras possibilidades de gratificação. A imensa maioria dos homens trabalha apenas forçada pela necessidade, e graves problemas sociais derivam dessa natural aversão humana ao trabalho (FREUD, 1930, p. 81).

Para mais, Freud cita os mitos, a literatura e a arte no geral como criações realizadas a partir de esforços do indivíduo em buscar a satisfação substitutiva e lidar com o mundo externo. E segundo Freud, assim como os sonhos, os mitos e fábulas poderiam ser interpretados à luz da psicanálise, traçando nelas o percurso desde o desejo inconsciente até a própria realização da arte:

Demonstrou-se que os mitos e fábulas admitem interpretação tal como os sonhos, acompanharam-se os emaranhados caminhos que vão do impulso do desejo inconsciente até a realização na obra de arte, chegou-se a compreender o efeito emocional da obra de arte sobre o sujeito receptor e a esclarecer, no artista propriamente (FREUD, 1924, p.223).

Portanto, é possível pensar, a partir deste trecho, que a psicanálise é capaz de analisar e compreender, assim como um sonho seria analisado, a forma como o desejo inconsciente, representado (ou sublimado) na fantasia, toma forma na obra de arte. De certo modo, o desejo toma “corpo”, passando a tornar-se realidade, pela via da arte, daí seria explicada a satisfação substitutiva gerada pela sublimação, como afirma Freud no seguinte trecho: “A satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial” (FREUD, 1930, p.24).

Aqui, o ato de estudar, da busca pelo saber, mais uma vez é citado. Em *Cinco Lições de Psicanálise* (1910), Freud já havia abordado a ideia do ponto de vista pulsional, relacionando a pesquisa científica ao prazer voyeurista, de ver, saber e desvelar aquilo que é desconhecido. Já em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), este movimento passa a ser pensado também como uma forma de sublimação. Mais uma vez, entram em cena as disposições pulsionais estabelecidas na infância, ao passo que o direcionamento dominante da pulsão parcial exibicionista/voyeurista irá determinar a forma em se dá a sublimação, se a partir da arte ou da pesquisa científica.

Assim como a sublimação, a fantasia é também um mecanismo que atravessa essa disposição das pulsões parciais e é determinada pela forma preferida (ou inconscientemente escolhida) de satisfação:

Entre essas satisfações pela fantasia se destaca a fruição de obras de arte, que por intermédio do artista se torna acessível também aos que não são eles mesmos criadores. Quem é receptivo à influência da arte nunca a estima demasiadamente como fonte de prazer e consolo para a vida. Mas a suave narcose em que nos induz a arte não consegue produzir mais que um passageiro alheamento às durezas da vida, não sendo forte o bastante para fazer esquecer a miséria real (FREUD, 1930, p.25).

Dessa forma, é possível perceber que Freud passa a traçar um paralelo entre o sujeito criador de arte e o que se deleita com a arte, vendo em ambos os lados, uma possibilidade de obtenção de prazer e afastamento do sofrimento. Mas ainda assim, em ambos os casos, tanto criar quanto apreciar a arte não configuram uma solução definitiva para o sofrimento frente à realidade, e sim uma alternativa para lidar, e atenuar, esse sofrimento.

## 2. POSSIBILIDADES, LIMITES E OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUBLIMAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo fazer um percurso que passa pela ideia de desfusão pulsional e o fazer artístico para pensar o funcionamento da sublimação a nível pulsional. Para isso, busca em diferentes obras como Freud e outros autores apresentam o dualismo pulsional,

seja entre as chamadas pulsões do eu e pulsões sexuais ou entre Eros (pulsão de vida) e pulsão de morte (pulsões de destruição). Observar também como Freud constrói a ideia de um movimento que é de fusão entre ambas seguido de uma separação, bem como o modo que essas questões se vinculam à ideia de sublimação.

Por fim, este capítulo busca compreender a forma como a arte se constitui como um emblema da transformação pulsional. A partir dos textos selecionados, busca perceber e aprofundar a discussão sobre como Freud pensa essa relação entre a pulsão e a arte como uma das possibilidades de transformação pulsional. Além disso, traçar paralelos entre a produção artística e a fantasia do sujeito, bem como valorização da arte dentre as outras formas de sublimação. Para tal, serão utilizados os seguintes textos: *O Eu e o ID* (FREUD, 1923); *O Poeta e o Fantasiar* (1908); *Análise terminável e interminável* (1937); a tese *Eros na psicanálise: um destino culturante da pulsão* (GUIMARÃES, 2010); *Criatividade e sublimação em Psicanálise* (BIRMAN, 2008); *Desamparo, horror e sublimação* (BIRMAN, 1997) e *Limites da sublimação na criação literária* (CARVALHO, 2006).

A ideia de sublimação, no decorrer da obra freudiana, passa por diversas reformulações na medida que outros conceitos ligados a esse processo são reformulados. Primeiramente, ela surge já no início da vida, durante a infância, mais precisamente na dissolução do Complexo de Édipo, como sendo necessário para essa superação, vinculada ao processo de identificação. Além disso, a passagem da primeira tópica do aparelho psíquico para a segunda, inaugurando a ideia de pulsão de morte, traz à sublimação novas considerações que mudam consideravelmente seu sentido no que diz respeito aos custos e riscos da sublimação.

Mesmo com estes riscos vinculados ao processo sublimatório, ele continua tendo grande importância para o sujeito diante do seu desamparo causado, em partes, pela renúncia pulsional e pelo complexo de castração. É nesse âmbito que se insere a possibilidade da criação artística para lidar com a falta ao criar para si (e as vezes para o outro) um novo objeto no qual investir sua libido e encontrar satisfação para o desejo, mesmo que de forma substitutiva. Independente desta criação, o sofrimento que está posto a todo ser humano não deixa de se fazer presente na vida do indivíduo dotado de dons artísticos e sublimatórios.

Em *O Eu e o ID* (1923), Freud introduz a segunda tópica do aparelho psíquico, que consiste em pensar o psiquismo a partir de três estruturas: o ID, fonte das pulsões e toda a energia psíquica, completamente inconsciente; o Eu, representante do mundo externo, parte consciente, parte inconsciente; e o Supereu, internalização da moral e das leis das figuras de autoridade da infância do sujeito, também consciente e inconsciente. Neste trabalho, Freud

oferece importantes ideias sobre a transformação pulsional que auxiliam a pensar o funcionamento da sublimação:

A transformação da libido objetal em libido narcísica, que então ocorre, evidentemente acarreta um abandono das metas sexuais, uma dessexualização, ou seja, uma espécie de sublimação. E surge mesmo a questão, digna de um tratamento mais aprofundado, de que este seria talvez o caminho geral da sublimação, de que talvez a sublimação ocorra por intermediação do Eu, que primeiro converte a libido objetal sexual em libido narcísica, para depois dar-lhe quiçá outra meta. Mais adiante consideraremos se tal transformação não pode ocasionar outros destinos para os instintos, como, por exemplo, uma disjunção<sup>2</sup> dos diversos instintos amalgamados (FREUD, 1923, p.27).

Assim, Freud fala de uma “espécie de sublimação” para se referir ao movimento de transformação da libido objetal em libido narcísica, dando à sublimação, neste contexto, uma distinção, ao usar a palavra “espécie”, dando a entender que existem diferentes tipos de sublimação, um deles sendo o que pressupõe a transformação pulsional (FREUD, 1923). Outro tipo de sublimação seria aquele em que não necessariamente ocorra uma transformação, mas um deslocamento pulsional, de modo que a pulsão continua sendo de caráter sexual, como no caso de uma fantasia, onde um desejo inconsciente é sublimado e se torna conteúdo de uma fantasia, como mostrado por Freud em *Rascunho L: A Arquitetura da Histeria* (FREUD, 1892-1899).

Além disso, Freud passa a considerar que a sublimação talvez tenha como padrão esta transformação pulsional realizada pela Eu, mas que tal transformação não necessariamente signifique que outra meta será definida. Assim, a sublimação ocorreria independente da meta, sendo um mecanismo de defesa do Eu contra as pulsões do ID, que age sem que necessariamente haja um trabalho que satisfaça com uma obra de arte, por exemplo, aquela pulsão, de forma que esta pulsão dessexualizada permanece em estado de suspensão até que uma meta seja definida (FREUD, 1923).

Assim, a sublimação é aqui representada como um mecanismo de defesa empregado pelo Eu, com a finalidade de se defender das tensões, que seriam as demandas por satisfação reivindicadas pelas pulsões sexuais. Enquanto isso, o ID, que é guiado pelo princípio do prazer, ou seja, evitação do desprazer e busca pelo prazer a todo custo, se defende do aumento de tensão. Estas tensões são exatamente as crescentes demandas de satisfação pulsional. Dessa forma o ID cede às estas exigências diretas de satisfação pulsional, e posteriormente concede

---

<sup>2</sup> Aqui, as palavras “junção” e “disjunção” são mantidas nas citações diretas, porém, durante o trabalho, utiliza-se os termos “desfusão” e “fusão” para se relacionar ao processo de fusão e desfusão pulsional, seguindo as edições mais recentes da obra freudiana traduzidas diretamente do alemão.

às demandas parciais satisfação sexual, de modo que consegue se desvencilhar de elementos sexuais e obtém o relaxamento das tensões sexuais. O aparelho psíquico emprega essa estratégia de buscar a satisfação direta e depois satisfações parciais para lidar com as perturbações da crescente excitação sexual advinda desse aumento de tensão por demanda da pulsão (GUIMARÃES, 2010).

Freud discorre sobre a relação entre o Eu e Eros pensando a des fusão pulsional entre pulsão de vida e pulsão de morte, incluindo a sublimação e a des fusão pulsional (GUIMARÃES, 2010). A pulsão de vida seria basicamente a moção de preservar a vida e existência de um organismo vivo, criando movimentos e mecanismos que ajudem a mover alguém em escolhas que priorizem sua segurança, bem como a união com os semelhantes, como nos mostra Freud no seguinte trecho:

Há que distinguir duas espécies de instintos, das quais uma, os instintos sexuais ou Eros, é de longe a mais visível e mais acessível ao conhecimento. Ela compreende não apenas o próprio instinto sexual desinibido e os impulsos instintuais sublimados e inibidos na meta, dele derivados, mas também o instinto de autoconservação, que devemos consignar ao Eu e que no início do trabalho analítico opusemos, com boas razões, aos instintos objetais sexuais.” (FREUD, 1923, p.37)

Enquanto a pulsão de morte seria, em linhas gerais, a moção de redução por completo das atividades de um ser vivo, uma tensão em direção à redução de atividade ao ponto de que o ser vivo atinja o estado de inércia e morte, como nos mostra Freud a seguir:

Com base em reflexões teóricas amparadas pela biologia, supusemos que há um instinto de morte, cuja tarefa é reconduzir os organismos vivos ao estado inanimado, enquanto Eros busca o objetivo de, agregando cada vez mais amplamente a substância viva dispersa em partículas, tornar mais complexa a vida, nisso conservando-a, naturalmente (FREUD, 1923, p.37).

Freud pensa estas pulsões como complementares, no sentido de haver entre elas uma fusão, de forma que ambas trabalham juntas em busca de um equilíbrio. Porém, por vezes ocorre um processo em que estas pulsões se “separam”, ocorrendo umas des fusão, de modo que a pulsão de morte age por conta própria: “o instinto de morte se manifestaria então — mas provavelmente só em parte — como instinto de destruição voltado para o mundo externo e outras formas de vida” (FREUD, 1923, p.38).

Dessa forma, poderia se pensar a pulsão de morte como também sublimada em alguns casos, de modo que essa “destruição” que é voltada para fora, ou para o outro, seja satisfeita em caráter substitutivo por meio de uma obra. Por outro lado, dificilmente podemos afirmar que determinada obra é produto da pulsão de morte ou de vida, tendo em vista que o próprio Freud não se assegurava de distinguir essas duas pulsões como diferentes de si e não uma só: “mas a

distinção das duas espécies de instintos não parece bastante assegurada, e é possível que fatos da análise clínica liquidem tal pretensão.” (FREUD, 1923, p.39).

Além disso, a pulsão de vida tem uma maleabilidade muito maior que as pulsões de destruição, como afirma Freud: “Parece plausível que essa energia operante no Eu e no Id, deslocável e indiferente, provenha da reserva de libido narcísica, seja Eros dessexualizado. Pois os instintos eróticos nos aparecem como mais plásticos, desviáveis e deslocáveis do que os instintos de destruição” (FREUD, 1923, p.42).

De qualquer forma, essa ambivalência entre pulsão de vida e pulsão de morte é ilustrada por Freud com casos em que o amor, manifestação da pulsão de vida que pende para a união com o outro, e o ódio, manifestação da pulsão de morte que por suposição seria oposta ao amor e pende para a destruição do outro, frequentemente estão não só presentes em relações amorosas como acompanham essas relações simultaneamente com regular frequência. Essa ambivalência entre amor e ódio diz da ambivalência inconsciente entre as pulsões, o que justifica a conjectura de que seriam as pulsões de vida e de morte, na verdade, como uma via de mão dupla, por onde a libido corre tanto em direção à união quanto da desunião, em dados momentos (FREUD, 1923).

Tendo em vista essa ambivalência e complementariedade entre as pulsões de vida e de morte, deixa de ser inconcebível a ideia de que as pulsões de morte também estejam, de alguma forma, envolvidas no processo sublimatório, de forma que determinadas obras artísticas teriam como fonte de conteúdo, as próprias pulsões de destruição manifestas em agressividade como na violência visual e explícita tanto em peças musicais quanto audiovisuais ou escritas. As pulsões de destruição encontrariam, então, satisfação substitutiva por meio da sublimação em obras de arte.

Além disso, a partir da análise de casos paranoicos, Freud passa a considerar casos em que o investimento da pulsão de morte se sobrepõe ao investimento da pulsão de vida. “Desde o início está presente uma atitude ambivalente, e a transformação ocorre por meio de um deslocamento reativo do investimento, quando se subtrai energia do impulso erótico e se introduz energia no impulso hostil” (FREUD, 1923, p.40-41). De modo que diante de um investimento objetal, a pulsão de morte toma a frente e se manifesta como hostilidade, como em casos de psicóticos em que, para se defender de investimentos libidinais dirigidos a pessoas do mesmo sexo, a pessoa é percebida como perseguidora e lhe é dirigida uma hostilidade que tem como fonte a pulsão de morte (FREUD, 1923). Não sabemos se o mesmo ocorre no



processo de sublimação na psicose, nem mesmo se o psicótico é capaz de sublimar, embora seja de conhecimento geral que o sujeito psicótico é capaz de produzir obras artísticas.

Freud reforça a ideia de que a libido funciona a partir da transformação de libido sexual (ou objetal) em libido narcísica (ou libido do Eu): “Se esta energia deslocável é libido dessexualizada, pode ser também descrita como energia sublimada, pois ainda manteria a principal intenção de Eros, a de unir e ligar, na medida em que contribui para a unidade — ou o esforço por unidade — que caracteriza o Eu” (FREUD, 1923, p.43). Além disso, é reforçado também que a sublimação é realizada pelo Eu:

Dessa forma, a partir deste trabalho de Freud, é possível localizar a sublimação como advinda do Eu e a serviço de Eros, ou seja, da união de semelhantes. Dessa união é possível pensar a organização da humanidade enquanto sociedade, que se trata, de forma básica, da união de seres humanos com a finalidade de facilitar sua sobrevivência, de proteger contra os perigos externos da natureza e dos outros seres humanos (FREUD, 1923).

Por outro lado, com o emprego do mecanismo da sublimação, o Eu está sujeito aos efeitos da pulsão de morte, tendo em vista que para viver, o ser humano necessita de Eros, da energia libidinal que o move a união e à ação. Porém ao dessexualizar a libido, a energia que deveria ser voltada à ação de união ou autopreservação acaba se encontrando indisponível devido a transformação pulsional:” mas, como o trabalho de sublimação realizado pelo Eu tem por consequência uma disjunção instintual e liberação dos instintos de agressão no Supereu, ele se expõe, em sua luta contra a libido, ao perigo dos maus-tratos e da morte” (FREUD, 1923, p.54). O que Freud aqui afirma faz lembrar da anedota aqui citada anteriormente do cavalo que precisa de ração para viver, e que, apesar de ser capaz de sobreviver com a diminuição dessa ração, certamente perecerá diante da escassez (FREUD, 1910).

Assim, apesar da sublimação servir ao sujeito como uma resposta diferente do sintoma frente à insatisfação das pulsões, ela também oferece o risco de liberação da pulsão de morte que irá se expressar como destruição: “o componente erótico não mais tem a força, após a sublimação, de vincular toda a destrutividade a ele combinada, e esta é liberada como pendor à agressão e à destruição” (FREUD, 1923, p.52). Além do mais, as pulsões de destruição podem se direcionar ao próprio Eu, vez que, ao ocorrer a defusão pulsional, as pulsões de morte são lançadas ao Supereu e depois retornam para o Eu como agressão, causando sofrimento psíquico no indivíduo (FREUD, 1923). Esse movimento de domínio do Eu pelo Supereu é manifestado como imperativo categórico:

O Supereu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola,

leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. — Mais adiante apresentarei uma conjectura acerca de onde ele tira forças para esse domínio, o caráter coercivo que se manifesta como imperativo categórico (FREUD, 1923, p. 31-32).

Este imperativo categórico seria, basicamente, o “como você deve ser” e “como você não deve ser” internalizado da figura paterna, de forma que o Supereu não é apenas internalização da moral e da lei das figuras de autoridade presentes na infância. O Supereu é também uma normativa inconsciente, uma internalização do obstáculo imposto pelo pai para a realização do desejo durante o complexo de Édipo. Essa internalização ocorre diante do esforço do Eu em reprimir e superar o Complexo de Édipo. Para mais, o Supereu surge em caráter reativo ao ID, no sentido de limitação. Assim, a ação do Supereu (que agora sabemos de onde tira forças), investido de pulsão de morte, é de agressão, percebida pelo Eu como o sentimento inconsciente de culpa, que terá como consequência o sofrimento psíquico (FREUD, 1923).

Aqui, faz-se necessário explicar do que se trata o Complexo de Édipo para que se possa compreender, como se dá uma das formas do processo sublimatório na infância e qual a relação deste processo com o Supereu. No início da infância, a libido objetal do ID é investida na figura da mãe, partindo do seio materno, tido como fonte de alimento e de sobrevivência, este seria o protótipo de uma escolha objetal. Em relação ao pai, o mecanismo utilizado é o de identificação, a forma mais primitiva de estabelecer um vínculo emocional com o outro, num empenho de moldar o próprio Eu à imagem daquele que é tomado como modelo. Posteriormente, a identificação para com o pai e o investimento objetal na mãe deixam de coexistir, a partir do momento em que o pai é percebido como obstáculo para a realização do desejo na mãe, originando o complexo de Édipo. (FREUD, 1923).

Essa identificação para com o pai passa então a tomar uma característica de hostilidade. Essa hostilidade deixa de existir mais tarde perante a dissolução do Complexo de Édipo e origina o Supereu:

O Supereu nasceu de uma identificação com o modelo do pai. Toda identificação assim tem o caráter de uma dessexualização ou mesmo sublimação. Parece que também ocorre, numa tal transformação, uma disjunção instintual [...] dessa disjunção o ideal tiraria o caráter duro e cruel do imperioso “ter que” (FREUD, 1923, p.52).

Dessa forma, o mecanismo da sublimação é empregado, já na infância, com o objetivo de superar o Complexo de Édipo por meio da identificação com a figura paterna. Essa identificação seria uma sublimação da libido, que é dessexualizada e dirigida à figura paterna, se encontrando então permeada pela ambivalência de afetividade/hostilidade, posto que diante da defusão pulsional, existe a predominância das pulsões de morte. Assim, a sublimação, como

um mecanismo de defesa, oferece também riscos ao Eu, visto que para que ocorra a dessexualização da pulsão, a libido deve ser investida no Eu para então ser transformada. Ao realizar um investimento libidinal no Eu, ocorre um movimento que é contrário aos interesses de Eros, visto que Eros busca a união com o outro a partir do investimento libidinal. Enfim, a pulsão de vida é investida no Eu e a pulsão de morte é lançada ao Supereu, que retornará ao Eu como agressão. (FREUD, 1923).

Embora haja uma superação do Complexo de Édipo, muitos de seus efeitos permanecem e constituem o psiquismo do sujeito. O principal desses efeitos seria o complexo de castração, que resulta no reconhecimento da falta e, portanto, da incompletude, frente a qual se buscará novos objetos de satisfação. Vale ressaltar que o objeto da pulsão é indeterminado, e, por isso, o desejo jamais é satisfeito por completo, visto ser o desejo, desejo de satisfação e não de realização, portanto, algo de irrealizável. Frente a isso, a sublimação é também uma forma de criação de novos objetos numa tentativa de barganhar a falta (FREUD, 1923).

Mesmo tendo em vista essa relação da sublimação com a pulsão de vida e de morte, Freud afirma anos depois, em *O Mal-estar na Civilização*, que a sublimação se trata de um trabalho de Eros contra a pulsão de morte, de forma que a ideia de uma oposição entre Eros e a sublimação, tal como sugerida em algumas obras anteriores como *A Moral sexual civilizada e a nervosidade moderna* (1908), deixa de existir, como afirma Birman:

Em resumo, enquanto na versão inicial a sublimação possuía uma caracterização ostensivamente negativa, pelas crescentes e disseminadas perturbações psíquicas que promovia nas individualidades em decorrência dos obstáculos impostos pelas exigências de civilidade à livre expansão da sexualidade, na versão final ela assume uma marca ostensivamente positiva, pois passa a promover a vida/civilidade em conjunto com o erotismo e em oposição ao movimento rumo à morte (BIRMAN, 2008, p. 20).

Deste modo, Freud passa a pensar a sublimação como associada a Eros, sendo um enlaçamento entre o erotismo e a cultura, se opondo às pulsões de morte. Ao considerar como sublimação a criação artística e o trabalho, pode se pensá-la como uma das formas de articulação entre Eros e a cultura, a função de ligação que permite também a sustentação da vida em cultura. Eros trabalha no sentido de impulsionar as relações humanas, sendo o representando das pulsões na cultura (GUIMARÃES, 2010),

Para mais, Birman afirma que sublimação se inscreve na experiência da cultura por meio da criação de um novo objeto para a pulsão:

Dito de outro modo, se desde o ensaio de 1908 a sublimação implicava a manutenção de um mesmo objeto do investimento da pulsão, surge então, por sua mediação, um outro objeto de investimento, como explicitamente formulado por Freud nas “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”, em 1933 (1936). Enfim, ao criar novos

objeto para a pulsão, a sublimação se inscreve efetivamente na experiência da cultura (BIRMAN, 2008).

Então, a sublimação não apenas possibilita ao sujeito criar um novo objeto para investir a sua libido, mas neste movimento de investimento libidinal, cumpre os objetivos de Eros, de realização de ligação com o outro, para a manutenção da excitação sexual e da vida em sociedade. Com “novos objetos” pode se compreender diversas formas de expressão artística em que o sujeito pode adotar, não deixando de problematizar a questão de que nem toda obra de arte se trata de sublimação e que essa distinção é impossível de ser feita por via de observação, se tratando de uma questão subjetiva. Além disso, pode-se também pensar como novo objeto a própria experiência estética de se expressar artisticamente, e não apenas a obra que resulta dessa expressão,

Fica claro, durante a obra de Freud, que há uma valorização maior por parte do autor da obra de arte como emblema do processo sublimatório em detrimento da religião, por exemplo. Essa preferência de Freud é investigada por Birman em seu trabalho *Desamparo, Horror e Sublimação* (1997). Primeiramente, é necessário buscar o significado de desamparo para Freud para compreendermos qual sua relação com a sublimação. Em *O Futuro de uma Ilusão*, ensaio polêmico de Freud sobre a religião, se pensa resumidamente o desamparo:

Mas permanece o desamparo do ser humano, e, com isso, o anseio pelo pai, e os deuses. Esses conservam sua tripla tarefa: afastar os terrores da natureza, conciliar os homens com a crueldade do destino, tal como ela se evidencia na morte, sobretudo, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que lhes são impostos pela vida civilizada que partilham (FREUD, 1927, p.221).

Isto posto, todo sujeito é acometido pelo desamparo, ou seja, se vê diante da incerteza do próprio futuro, do risco de morte, de catástrofes da natureza, de sua própria impotência para com o próprio destino e com seus desejos que não encontram satisfação direta na cultura. A renúncia pulsional não resolve nem protege completamente o homem de todos os riscos e desprazeres da vida, inclusive gerando uma série de desprazeres. Em *O Poeta e o Fantasiar*, Freud traz que a sublimação envolve o destino que o sujeito oferece para a renúncia pulsional. O que está em questão é como o sujeito pode realizar esta renúncia pulsional sem abrir mão do seu desejo. Daí se explica a importância que Freud dá ao fazer artístico, visto que na realização artística o sujeito não precisa abrir mão de seu desejo, se mantendo na posição de desejante. (BIRMAN, 1997).

Se na arte existe a possibilidade de sustentar o próprio desejo reconhecendo o desamparo e mantendo a renúncia pulsional, na religião essa possibilidade não existe. Para

Freud, a religião deixa de ser pensada como um processo sublimatório, como o era antigamente em *As resistências à Psicanálise (1925)*, e passa a ser pensado como uma ilusão, no sentido de ter como função “proteger o sujeito da experiência originária do desamparo, a crença numa figura onipotente divinizada tem a função de proteger o sujeito do horror do desamparo.” (BIRMAN, 1997, p.74). Assim, a religião se distingue da arte também no sentido de formar, segundo Freud, uma visão de mundo através da qual o sujeito não precisa lidar com o seu desamparo, que é totalizante e homogeneizante vivendo uma vida de ilusão. (BIRMAN, 1997).

Portanto, a sublimação admite o desamparo sem que isso signifique renunciar ao desejo, mas renunciar à plena satisfação da pulsão, que como sabemos, sequer seria possível ao humano. De toda forma, a sublimação reconhece a alteridade, ou seja, a diferença entre o outro e si mesmo e cria um objeto que é compreensível pelo outro, um objeto “passível de compartilhamento por diferentes sujeitos (BIRMAN, 1997, p.95). A partir disso, Freud atualizou o conceito de sublimação, tendo como pressuposta a mudança de objeto por parte da pulsão. Tal mudança, inclusive, pressupõe a criação de um novo objeto que é acessível, no sentido ser compreensível e prazeroso, ao outro, o que vai de encontro com as intenções de Eros de ligação e união (BIRMAN, 1997).

Desse modo, por mais que a sublimação esteja, em certo ponto, em concordância com os interesses de Eros, ela também não está absolvida do desprazer e sofrimento, como afirma Birman (1997): “Assim, a produção da sublimação implica a experiência de angústia de real, que desconcerta o sujeito e provoca a desconstrução da realidade ilusória” (p. 98). Isso significa que a partir da criação artística, o indivíduo pode tornar consciente aquilo que a ilusão faria permanecer inconsciente. A sublimação é agora percebida não como um mecanismo que defende o Eu do que foi recalcado, mas sim expressão do retorno daquilo que foi recalcado (BIRMAN, 2008). Portanto, a sublimação passa a significar um “risco” de desprazer ao sujeito que “é marcado pela originalidade e pela autoria, quando imprime no real a assinatura do seu desejo e os traços do seu estilo” (BIRMAN, 1997, p. 98).

Essa questão do sofrimento na sublimação é investigada por Carvalho (2006) em *Limites da Sublimação na Criação Literária*. Neste artigo, a autora discute a presença do sofrimento psíquico no processo criativo a partir da análise de obras de escritores suicidas como Sylvia Plath, Paul Celan, Anne Sexton e Ana Cristina Cesar. Uma das prováveis razões que a autora atribui à presença do sofrimento na criação literária remonta a *O Eu e o ID*, onde se introduz a ideia de desfusão pulsional. Como já dito anteriormente, diante da desfusão entre Eros e pulsão de morte, o Eu se coloca em risco de ser objeto da pulsão de morte pelo Supereu. Assim,

segundo a autora, a sublimação não apenas não deixa de envolver o sofrimento, quanto em certa intensidade pressupõe que o sujeito entre em contato com a fonte desse sofrimento para realizar o processo criativo (CARVALHO, 2008).

Nesse sentido, a sublimação não funciona como antídoto ao sofrimento, embora nela resida a possibilidade de atenuação desse sofrimento. Mas como o próprio Freud menciona, a sublimação carrega também a possibilidade de desorganizar a saúde mental ao passo que envolve, ou conteúdos recalçados, ou pulsões destrutivas retornadas pelo Supereu. Essa dualidade entre atenuação e produção do sofrimento diz, na verdade, do limite econômico da sublimação. Este aspecto disfuncional da sublimação é um dos elementos que apontam para o seu limite enquanto mecanismo. Este limite diz do conflito entre Eros e pulsão de morte, “da destrutividade potencial que existe entra a ordem pulsional e os recursos disponíveis para a sua contenção e eventual transformação” (CARVALHO, 2008, p. 18).

Carvalho, analisando estas obras de autores suicidas, aponta que “esse tipo de escrita se constrói, praticamente sem distância, da destrutividade que ali se encontra, permitindo concluir que a aproximação entre o eu que escreve e o eu que sofre implica um risco” (CARVALHO, 2008, p. 19). Isso permite conjecturar que há tipos ou temas específicos de obras artísticas que possuam um potencial maior de evocar sofrimento naquele que cria. Essa ideia é reforçada ao considerar que Virginia Woolf buscava alternar entre escritas que remontassem vivências pessoais e escritas ficcionais que não traçavam uma relação direta com sua própria história. Portanto, a busca por elaboração de sofrimento por meio da criação artística não necessariamente resultará na atenuação desse sofrimento. Na verdade, nenhuma elaboração escapa da possibilidade de sofrimento (CARVALHO, 2008).

Tendo em vista essa possibilidade permanente de sofrimento e a precariedade da sublimação enquanto solução, não se pode afirmar que para um sujeito neurótico adoecido basta lhe recomendar que escreva, cante, filme ou expresse de qualquer outra forma o seu sofrimento, vez que a sublimação nem é possível a todos e nem se fosse, configuraria garantia de cura ou sequer de remédio. De todo modo, essa criação literária, e porque não outros tipos de criação artística, configuram uma forma de transformar o que é subjetivo e psíquico em uma encenação real, que atinge a concretude por meio da ação do sujeito de criar um novo objeto para onde destinar seu investimento libidinal (CARVALHO, 2008).

A aproximação do sujeito ao seu sofrimento na criação artística implica riscos, nas palavras da autora: “toda criação é por si mesma nociva e engendra as consequências positivas e negativas que ela mesma comporta” (CARVALHO, 2008, p. 22). Assim como na vida

psíquica está presente a ambivalência entre Eros e pulsão de morte, não diferente é na sublimação, onde se tem a ambivalência entre a atenuação do sofrimento ou até mesmo o prazer pela satisfação substitutiva, e o desprazer do sujeito advindo da pulsão de morte. Por ação do Supereu, o sujeito retorna ao sofrimento, tendo em vista que o Supereu retorna ao Eu as pulsões de morte que lhe foram lançadas devido a defusão pulsional.

Um trabalho de Freud que é imprescindível para pensar não somente a criação literária, mas todo o processo sublimatório é *O Poeta e o Fantasiar* (1908). Neste trabalho, Freud discorre sobre a capacidade que tem o poeta de criar e extrair temas que causam, naquele que frui de suas obras, diversos afetos e até mesmo prazer. Já no início deste texto, Freud anuncia que: “o próprio poeta gosta de reduzir a distância entre o que lhe é singular e a essência humana em geral; ele nos assegura, com frequência, que em cada um existe um poeta escondido e que o último poeta deverá morrer junto com o último homem” (FREUD, 1908, p. 34). Essa afirmação remete ao que é apontado por Birman (1997) que o sujeito, ao sublimar, cria um novo objeto para investir sua libido que é passível de compartilhamento com outros indivíduos, de modo que o poeta cria, através da poesia, um objeto que é acessível e prazeroso ao outro.

Para mais, Freud traz a ideia de que a brincadeira da criança é uma forma de fantasiar, comparando-a a um poeta na medida em que esta traduz para seu mundo da fantasia aquilo que lhe agrada. Ao dizer que a criança leva a sério essa brincadeira, Freud enfatiza o caráter fantástico e ao mesmo tempo real da brincadeira, ao afirmar que:

Toda criança brincando se comporta como um poeta, na medida em que ela cria seu próprio mundo, melhor dizendo, transpõe as coisas do seu mundo para uma nova ordem, que lhe agrada. Seria então injusto pensar que a criança não leva a sério esse mundo; ao contrário, ela leva muito a sério suas brincadeiras, mobilizando para isso grande quantidade de afeto. O oposto da brincadeira não é a seriedade, mas a realidade (FREUD, 1908, p. 34).

Aqui a fantasia aparece mais uma vez na obra de Freud como uma satisfação substitutiva, embora não empregada essa terminologia como foi posteriormente em *Cinco Lições de Psicanálise* (1910). Este ato de brincar é uma forma de transformar o mundo internamente, transformando não a realidade em si, mas uma realidade interna. Essa ação do sujeito colocar, de certa forma, em prática a fantasia por meio da brincadeira para satisfazer os desejos, é semelhante, senão idêntica, no sentido prático, ao processo sublimatório, onde a partir da fantasia o sujeito realiza o trabalho de dar corpo ao desejo. Embora essa ação não pressuponha a realização literal do desejo, para Freud, a realização de desejo, nunca implicou necessariamente a realização do desejo na realidade, embora a realidade, nesse caso, assim como a brincadeira, para a criança, seja levada a sério. Seria, portanto, a possibilidade de

satisfazer-se psiquicamente, de modo que a realização e satisfação do desejo, neste caso, se daria no âmbito da fantasia e da brincadeira (FREUD, 1910), não sendo ao mesmo tempo forte o suficiente para fazer o sujeito esquecer a miséria real (FREUD, 1930).

Ao tornar-se adulto, o jovem abandona as brincadeiras e, não conseguindo abdicar do prazer fantasioso que teve na infância, passa a nutrir fantasias não só pela escrita, mas também por sonhos diurnos, que seriam a ocorrência da fantasia na consciência do sujeito. Diferente da criança, sobre o adulto há uma expectativa e uma demanda da cultura que Freud expõe na seguinte afirmação: “por um lado, sabe que se espera que ele não brinque mais ou que não fantasie mais, mas que aja no mundo real e, por outro lado, que sob suas fantasias se produzem muitos desejos que, de qualquer modo, devem permanecer necessariamente ocultos” (FREUD, 1908, p.36).

Ao amadurecer, o sujeito apenas substitui a brincadeira pela fantasia, “quando alguém que está crescendo deixa de brincar, nada mais faz a não ser esse empréstimo aos objetos reais; em vez de brincar, agora fantasia” (FREUD, 1908, p. 35). Dessa forma, independente do que a vida em sociedade requer, a fantasia permanece na vida do sujeito como uma satisfação substitutiva que dará estímulo à sublimação ou ao sintoma. A fantasia pode tanto ocultar quanto revelar o desejo, podendo servir tanto ao sintoma como à sublimação. Assim, um dos elementos que determina o destino da fantasia é o sujeito ceder ou não ao seu desejo.

Da mesma forma que a criança, o poeta trata com seriedade a fantasia que cria por meio de sua escrita: “muitas coisas que não poderiam causar gozo como reais podem fazê-lo no jogo da fantasia e muitas moções que em si são desagradáveis podem se tornar para o ouvinte ou espectador do poeta fonte de prazer” (FREUD, 1908, p. 35). Essa dinâmica de satisfação do desejo na fantasia a partir da representação daquilo que não necessariamente geraria prazer na realidade e também do que causaria desprezar, que seria, de modo geral, o conteúdo da fantasia, conseqüentemente diz do conteúdo da sublimação, visto que a sublimação pode ter a fantasia como conteúdo (FREUD, 1910).

Outra ideia interessante aqui exposta é a da relação entre o sujeito que cria arte com o sujeito que dela frui. Essa ideia que é aprofundada em *Mal-estar na Civilização* (1930) é aqui apresentada brevemente, mas permite acrescentar algo sobre o teor daquilo que é compartilhado através da obra artística, pensando agora não apenas a escrita, mas toda arte proveniente de sublimação. Se o que Freud pensou em 1930 permite pensar a ligação que a arte realiza entre o artista e o observador como uma relação entre as pulsões parciais de exibicionismo e



voyeurismo, as ideias presentes em *O Poeta e o Fantasiar* permitem pensar qual é o conteúdo transmitido por meio dessa ligação inconsciente.

O que o artista (exibicionista) está a exhibir e transmitir é da ordem do próprio desejo, como se comunicasse ao mundo o que deseja para de alguma forma encontrar satisfação na enunciação deste desejo, enquanto o ouvinte, leitor ou espectador (voyeurista) recebe algo que potencialmente diz do seu próprio desejo, sendo ele capaz de obter prazer sem ter de realizar o trabalho de recalcar aquilo que lhe é próprio, de gozar com as próprias fantasias sem censura e vergonha, não correndo os riscos de sentir o desprazer ao entrar em contato direto com o próprio desejo que foi recalçado (FREUD, 1908).

Este prazer obtido pelo observador da criação artística é distinguido por Freud ao afirmar que: “pode-se chamar este ganho de prazer, que nos é oferecido, para possibilitar, com ele, o nascimento de um prazer maior a partir de fontes psíquicas ricas e profundas, de um prêmio por sedução [*Verlockungsprämie*] ou de um prazer preliminar” (FREUD, 1908, p. 41). Portanto, não se pode pensar que o prazer sublimatório é o mesmo prazer que o outro obtém ao fruir a obra de arte, mas um prazer de outra ordem. Não fica claro qual é, exatamente, a dinâmica desse prazer, mas é seguro pensar que, por estar ligado a esse processo de vinculação entre os indivíduos, é um prazer que se dá através da identificação do observador para com o artista.

De toda forma, a partir deste breve trabalho, Freud dá uma importante contribuição para a definir o que seria a verdadeira fruição da arte, ou seja, de que forma se pode garantir que há um prazer preliminar obtido através da arte: “todo prazer estético, criado pelo artista para nós, contém o caráter deste prazer preliminar e que a verdadeira fruição da obra poética surge da libertação das tensões de nossa psique” (FREUD, 1908, p. 41). Assim, a obra literária de sucesso seria aquela que utiliza da técnica para transmitir algo do inconsciente do artista, como o desejo, para o inconsciente do fruidor, o libertando das tensões.

Essa ideia pode ser estendida, talvez, para toda a obra de arte se a tomarmos como regra para asseverar a identificação. Nesse sentido, a identificação pela obra de arte só ocorreria de fato quando algo do inconsciente do artista for transmitido ao inconsciente daquele que experiencia a arte. Esse critério pode também se aplicar para a sublimação no que diz respeito às diversas obras de arte já criadas pela humanidade. No entanto, deve ser problematizado até que ponto uma obra de arte é sublimação e até que ponto há uma identificação com uma peça artística. É necessário levar em conta a libertação das tensões no psiquismo, vez que isso constitui a verdadeira fruição da obra segundo Freud (FREUD, 1908).

Essas tensões do psiquismo podem ser pensadas como fruto da não-satisfação do desejo na cultura, de certa forma, na renúncia pulsional que todo indivíduo é requerido a realizar: “no fundo, não poderíamos renunciar a nada, apenas trocamos uma coisa por outra; o que parece ser uma renúncia é, na verdade, uma formação substitutiva ou um sucedâneo (FREUD, 1908, p. 36). Vários podem ser os destinos dessa renúncia, satisfações substitutivas como o sintoma, a fantasia ou a obra de arte configuram respostas do sujeito frente a essa necessidade de renúncia. Freud afirma que essa insatisfação com a realidade é onde a fantasia, por exemplo, se baseia: “desejos insatisfeitos são as forças impulsionadoras [*Triebkräfte*] das fantasias, e toda fantasia individual é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (p. 36).

Outra característica marcante da força impulsionadora do desejo é a temporalidade:

O trabalho psíquico se acopla a uma impressão atual, a uma oportunidade no presente, capaz de despertar um dos grandes desejos da pessoa; remonta a partir daí à lembrança de uma vivência antiga, na sua maioria uma vivência infantil, na qual aquele desejo foi realizado e cria então uma situação ligada ao futuro, que se apresenta como a realização daquele desejo, seja no sonho diurno ou na fantasia, que traz consigo os traços de sua gênese naquela oportunidade e na lembrança. Ou seja, passado, presente, futuro se alinham como um cordão percorrido pelo desejo (FREUD, 1908, p. 37).

Ao traçar esse caminho do desejo, que remonta às faltas presentes na infância do sujeito, podemos pensar como a sublimação, e conseqüentemente a obra de arte, muitas vezes tem a possibilidade de realizar o desejo que teve origem na infância e foi recalçado. Essa realização, como já dito, se dá em realidade psíquica, mas tem sua materialidade na obra de arte. Um acontecimento no presente pode, dessa forma, despertar no sujeito uma necessidade, sem que ele próprio reconheça, de satisfazer algo que lhe é inconsciente e passado, aparecendo de forma sublimada na peça artística: “uma forte vivência atual deve despertar no poeta a lembrança de uma vivência antiga, em geral uma vivência infantil, da qual então parte o desejo que será realizado na criação literária [*Dichtung*]” (FREUD, 1908, p. 40).

É importante destacar que o desejo não é de todo satisfeito, e sim parte dele, de modo que a criação artística, mesmo que a partir da sublimação, não irá satisfazer completamente esse desejo, até porque a satisfação plena jamais foi uma possibilidade para o sujeito. Uma questão que isso leva a problematizar é de que, sendo a sublimação uma forma de satisfação substitutiva que não sana completamente o impasse entre sujeito e cultura, ou Eros e pulsão de morte, cabe questionar sua validade no que diz respeito a seu limite enquanto resposta. Não fica claro, na obra de Freud, até que ponto esse mecanismo inibe ou estimula o sujeito a de fato realizar o seu desejo no real, e, portanto, não se pode encarar a sublimação como a resposta definitiva para a renúncia pulsional. (FREUD, 1908).

Finalmente, duas considerações importantes acerca da sublimação podem ser encontradas em *Análise terminável e interminável* (1937), onde Freud discorre sobre a duração do processo de análise clínica, que apesar de tentativas dele e de outros analistas, a duração em si não seria o foco do trabalho de análise, mas a superação de inibições, sintomas e a emergência de conteúdos inconscientes. A primeira delas diz da distinção entre indivíduos que tem uma maior facilidade de sublimar:

Encontramos, por exemplo, indivíduos aos quais nos inclinamos a atribuir uma especial ‘viscosidade da libido’. Os processos que o tratamento inicia neles decorrem muito mais lentamente do que nos outros, porque, ao que parece, eles não conseguem se decidir a desprender investimentos libidinais de um objeto e deslocá-los para outro, embora não se achem razões especiais para essa fidelidade no investimento. Encontramos também o tipo contrário, em que a libido aparece bastante móvel, rapidamente enceta os investimentos sugeridos pela análise e abandona os anteriores por eles (FREUD, 1937, p. 178-179).

Mesmo não utilizando explicitamente o conceito de sublimação neste texto, Freud trabalha a mobilidade da pulsão, que está profundamente ligada com o conceito da sublimação. Assim, umas das questões que estão postas na facilidade ou dificuldade de realizar a sublimação, diz, na verdade, da mobilidade da pulsão no sujeito. Foi descoberto no processo analítico que a pulsão não possui a mesma plasticidade em todos os indivíduos, e isso influencia na sua capacidade não apenas de investir sua libido em novos objetos, mas também na capacidade de criar novos objetos nos quais investir a libido (FREUD, 1937).

A segunda consideração sobre a sublimação presente neste texto diz dos benefícios terapêuticos do sujeito que possui maior mobilidade pulsional: “infelizmente, nesse segundo tipo os resultados da análise se mostram muitas vezes frágeis; os novos investimentos são logo deixados, temos a impressão de não haver trabalhado com argila, mas escrito na areia. Vale aqui o provérbio que diz: ‘Fácil se ganha, fácil se perde’ (FREUD, 1937, p. 178-179). Então, mesmo que determinado sujeito tenha disponíveis as técnicas práticas e as predisposições inconscientes e pulsionais de deslocamento, transformação, emergência do recalçado ou o que quer se seja para a criação de um novo objeto para onde investir sua libido, os efeitos desse benefício são passageiros, de forma que o sofrimento sempre estará posto.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos pontos nos quais se baseia a relevância deste trabalho é na área acadêmica, por auxiliar na construção do conhecimento acerca de um tema que é de tão grande valor para a

teoria psicanalítica, visto que auxilia também na compreensão, no interior da obra freudiana, dos paradoxos que envolvem outros conceitos centrais como a pulsão e a fantasia. Outro pilar em que se sustenta a relevância desta pesquisa é a área da psicanálise clínica, pois a sublimação, também articulada mediadamente e conceitualmente à ideia de criação e sofrimento representa na obra freudiana um dos destinos possíveis à e seus efeitos, provenientes do conflito entre Eros e pulsão de morte.

Portanto, compreender não apenas como Freud e outros autores compõem a relação entre a criação artística, sublimação e sofrimento psíquico, mas também como eles pensam, estruturam e desenvolvem estes conceitos e articulações é de extrema importância para pensarmos a relação entre o sujeito e a cultura, para a construção corrente da psicanálise enquanto teoria e prática clínica. Vale ressaltar que o conceito da sublimação não é suficientemente concluído na psicanálise, de forma que, além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa clínica se faz imprescindível para aprofundar a compreensão de um mecanismo que envolve as moções inconsciente do sujeito e, portanto, resguarda uma dimensão sempre singular.

Assim, a arte, tomada como emblema de uma possibilidade de satisfação pulsional pode surgir como uma tentativa de resposta à impossibilidade de realização do desejo diante da renúncia pulsional, ou seja, como um possível objeto não-sexual no qual o sujeito pode investir sua libido. Não é difícil encontrar diversos exemplos de artistas que enxergam em seu fazer artístico a via para o seu sofrimento, e de fato, a sublimação pode servir como um alívio considerável das tensões do indivíduo moderno, embora não possa distanciá-lo da “miséria da vida”.

Apesar dessa importância ser atribuída ao mecanismo da sublimação, não podemos superestimar os benefícios dele, bem como subestimar os possíveis malefícios advindos de uma exploração excessiva das forças pulsionais para destinos que não sejam o principal, de força motriz do ser. Por mais que o sujeito encontre satisfação a partir da criação de novos objetos, e até mesmo possibilite ao outro o prazer da fruição de sua obra, a falta é primordial e essencial no indivíduo moderno, de forma que seu sofrimento é intrínseco e inevitável. Obviamente isso não significa que devemos menosprezar o valor de qualquer resposta para o sofrimento, mas é necessário cautela ao adotar quaisquer medidas, contra um sofrimento que é constitutivo do ser, como solução definitiva.

Dessa forma, parece mais honesto pensar a sublimação não como uma cura para a angústia constitutiva do humano, mas um remédio que tem como função aliviar os sintomas

dessa angústia. E como a maioria dos remédios, seus efeitos colaterais não devem ser subestimados, posto que, em grandes intensidades, podem ultrapassar até mesmo os males da própria angústia.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **Criatividade e sublimação em Psicanálise** (2008). Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p. 11-26, 2008.

BIRMAN, Joel. **Desamparo, horror e sublimação** (1997). Rio de Janeiro: IMS/UERJ. Série Estudos em Saúde Coletiva, v. 83.

CARVALHO, Ana Cecília. **Limites da sublimação na criação literária**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 29, p. 15-24, set. 2006. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372006000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 11 set. 2020.

FREUD, Sigmund. **Rascunho L: A arquitetura da histeria** (1892-1899). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rio de Janeiro: Imago, v.I, 1976.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

FREUD, Sigmund. **O poeta e o fantasiar** (1908). Arte, literatura e os artistas – Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise** (1910). Freud Obras Completas Vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. **Considerações atuais sobre a guerra e a morte** (1915). Freud Obras Completas Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id** (1923). Freud Obras completas Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 16.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão** (1927). Companhia das Letras, São Paulo, 2014

FREUD, Sigmund. **Resumo da Psicanálise** (1924). 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1930). Obras completas - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: **Companhia das Letras**, 2010.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin. **Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. **PS - Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites**. Reverso, Belo Horizonte, v. 33, n. 62, p. 55-67, set. 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 31 ago. 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.